

# A MORTE E A PRODUÇÃO DA MEMÓRIA MEDIATIZADA: acontecimento e comemoração sobre 'Vladimir Herzog'

DEATH AND PRODUCTION OF MEDIATIZED MEMORY: event and celebration about 'Vladimir Herzog'

MUERTE Y PRODUCCIÓN DE MEMORIA MEDIATIZADA: evento y celebración sobre 'Vladimir Herzog'

## Marcella Maria Monteiro Vieira

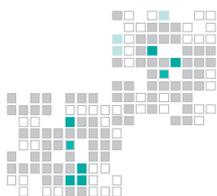
■ Pesquisadora do Multis - Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia. Mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Universidade Candido Mendes (Ucam). Graduada em Jornalismo (Ucam) e Relações Públicas (Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

■ E-mail: marcella.vieira@gmail.com

## Renata Rezende Ribeiro

■ Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC-UFF). Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutora em Comunicação. Coordenadora do Multis - Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia

■ E-mail: renatarezender@yahoo.com.br.



## RESUMO

O artigo pertence a uma pesquisa ampliada, que investiga como narrativas da morte assumem diversos contornos em distintos espaços midiáticos, dos veículos de imprensa tradicionais às redes sociais na internet. Nesse texto, analisamos como a morte é considerada um acontecimento jornalístico de alta relevância, sobretudo quando relacionada a personagens públicos e/ou emblemáticos. Como recorte, tomamos diferentes narrativas da morte do jornalista Vladimir Herzog, assassinado nos porões da ditadura brasileira, há mais de 40 anos. Articulamos exemplos de coberturas da imprensa aos atos comemorativos nas redes sociais digitais, promovidos pelo Instituto Vladimir Herzog (IVH), que marcam, acreditamos, um projeto de permanência a partir da produção e circulação de uma ‘memória midiaticizada’ desse personagem.

PALAVRAS-CHAVES: MORTE; MEMÓRIA; ACONTECIMENTO.

## ABSTRACT

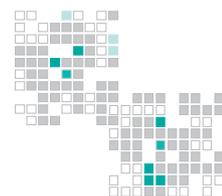
The article investigates how the narratives about death take on different shapes in different media spaces, from traditional press vehicles to social networks on the Internet. We analyze how death is considered a highly relevant journalistic event, especially when linked to public and emblematic characters. In this context, we highlight the many narratives about the death of journalist Vladimir Herzog, who was murdered in the cellar of the Brazilian dictatorship over 40 years ago. To this end, we articulate examples that go through press coverage and memory works engendered by the Vladimir Herzog Institute on social networks, circulating commemorative gestures and celebrations that mark the permanence of the character.

KEYWORDS: DEATH; MEMORY; EVENT.

## RESUMEN

El artículo investiga cómo las narraciones sobre la muerte adquieren diferentes formas en diferentes espacios de los medios, desde vehículos de prensa tradicionales hasta redes sociales en Internet. Por lo tanto, analizamos cómo la muerte se considera un evento periodístico muy relevante, especialmente cuando está vinculado a personajes públicos y emblemáticos. En este contexto, destacamos las numerosas narrativas sobre la muerte del periodista Vladimir Herzog, quien fue asesinado en el sótano de la dictadura brasileña hace más de 40 años. Con este fin, articulamos ejemplos que pasan por la cobertura de prensa y trabajos de memoria engendrados por el Instituto Vladimir Herzog en las redes sociales, circulando gestos conmemorativos y celebraciones que marcan la permanencia del personaje.

PALABRAS CLAVE: MUERTE; MEMORIA; EVENTO.



## 1. Introdução

A história dos homens e das sociedades, na relação com morte, se desenvolveu em uma longa duração, o que inclui profundas transformações em diferentes processos de aproximações e afastamentos. Certeau (1998, p. 295) fala sobre como o moribundo tornou-se o impensável, o insignificante, como “ [...] um fracasso ou uma parada provisória da luta médica, subtraída por outro lado à experiência comum, chegando ao limite do poder científico e escapando às práticas familiares (1998, p. 205). A morte, segundo Certeau, é o “outro lugar”.

No entanto, na contemporaneidade, os espaços da comunicação se tornaram terrenos que passaram a desafiar as lógicas materiais da própria ideia de presença. A midiatização do cotidiano desenvolveu uma qualificação particular da vida, ou, segundo Sodré (2002), um *bios midiático*, no qual o próprio indivíduo se converteu em imagem e mídia. Nesses ambientes contemporâneos, novas formas de experienciar a morte, assim como as comemorações e os trabalhos de memória (HALBWACHS, 1990), são transformados.

É nesse contexto que fincamos nossa investigação entre personagens<sup>1</sup> mortos e as relações engendradas nos espaços midiáticos, no desenvolvimento de projetos de ‘memórias midiatizadas’. Nesse texto, nosso recorte de análise tem forte dimensão política e ocupa papel de destaque nos debates públicos do país há mais de 40 anos: trata-se do jornalista Vladimir Herzog, morto em 1975, nos porões da ditadura civil-militar brasileira.

Familiares e amigos de Vlado - como era conhecido - criaram, em 2009, o Instituto Vladimir Herzog (IVH), uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip), ou seja, um órgão que atua como uma espécie de guardião institucionalizado das memórias relacionadas ao

jornalista – sua vida, sua trajetória profissional, seus herdeiros e seu legado – mais de 40 anos depois de sua morte.

Um dos aspectos que abordamos ao longo dessa análise é como o IVH utiliza os espaços midiáticos (redes sociais, arquivos digitais, sites etc.) para desenvolver e validar projetos de continuidade de Herzog, fazendo-o, acima de tudo, permanecer. Ao falar sobre o valor da ideia de vida eterna, Rezende (2011, p. 215) destaca que “na contemporaneidade midiática, onde coexistem múltiplos sentidos de tempo, a promessa da eternidade parece ressurgir, em certa medida, em novos suportes tecnológicos”.

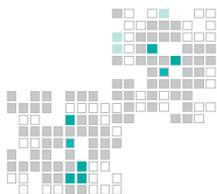
Podemos citar como exemplo, as comemorações<sup>2</sup> dos 40 anos da morte de Herzog, em 2015, quando o Instituto promoveu uma série de eventos que celebravam a memória do jornalista, incluindo concerto, palestra, lançamento de livro, reinauguração de praça, entre outros. Mas houve um ato com maior peso nessa lógica de rememorações: a missa ecumênica realizada na Catedral da Sé, em São Paulo, remetendo ao mesmo tipo de cerimônia de 40 anos atrás, no mesmo local, dias após a morte de Vlado, em um episódio considerado como um divisor de águas no combate à ditadura.

Esses diversos eventos tiveram em comum o compartilhamento da *hashtag* #vlado40anos<sup>3</sup>, lançada pelo Instituto em 2015, e essencial na divulgação e circulação das informações relacionadas à memória de Herzog e à efeméride do aniversário de sua morte. Presente nos sites de redes sociais, a *hashtag* é uma ferramenta usada no ambiente virtual como “indicador de assunto, normalmen-

2 Ainda que o termo comemoração pareça anômalo, por se tratar de uma morte brutal, o sentido de comemorar relaciona-se, ao longo de todo texto, em “trazer à lembrança”, “rememorar”.

3 Analisamos os usos dessa hashtag nos três sites de redes sociais em que o IVH atua ativamente por meio de suas páginas oficiais: Facebook (<http://facebook.com/institutovladimirherzog>), Instagram (<http://instagram.com/vladimirherzog>) e Twitter (<http://twitter.com/vladimirherzog>).

1 Personagem [Do francês *personnage*]. 1. Pessoa notável, eminente, importante; personalidade, pessoa. In: Brait, Beth. A personagem. São Paulo, Ática, 1975.



te representado pelo sinal ‘#’ (RECUERO, 2009, p.127). Ela identifica palavras-chave e tópicos em determinada publicação. Os usos dessa *hashtag* em espaços fluidos como as redes sociais digitais contemplam essa espécie de “tempo desarticulado do mundo contemporâneo” e podem ser vistos como uma estratégia narrativa do IVH, não apenas para o projeto de permanência de Vlado, mas também para o redimensionamento de sua importância para a democracia no país. “Nas redes sociais, que concentram hoje, no século XXI, processos intensamente vivos da cultura contemporânea, a morte passa por uma série de apropriações com vivências múltiplas” (HENN, 2012, p. 111). É nesse sentido que a internet propõe novos espaços para se pensar a morte, publicizada através de imagens e textos, numa espécie de cortejo eterno (REZENDE, 2015).

Antes de sua morte, Herzog não era exatamente um famoso. Ele ocupava um cargo importante na imprensa de São Paulo (diretor de jornalismo da TV Cultura) e, nesse sentido, tinha uma posição hierárquica na comunidade de jornalistas da época. No entanto, foi sua morte que o tornou conhecido, mesmo em um contexto de forte repressão e censura à imprensa. Dessa forma, a “comemoração” dos 40 anos da morte de Herzog, pelo IVH, em espaços midiáticos evidencia que, não necessariamente, os gestos comemorativos, que tentam reconstruir lembranças de um fato histórico, estão ligados às memórias positivas.

Nossa intenção nesse texto é problematizar a morte em espaços midiáticos, na relação entre acontecimento, memória, jornalismo e redes sociais digitais, conexões que se revelam importantes para uma abordagem sobre os processos de ruptura e continuidade de um personagem emblemático, como é o caso de Herzog.

## 2. Morte e acontecimento

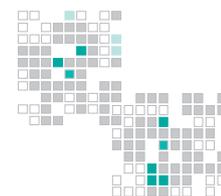
“Se o acontecimento ainda repercute tão intensamente na sociedade é porque ainda há muito

a ser dito”, afirmam Marta Maia e Thales Lelo (2014, p. 23), em artigo que analisa o trauma da morte de Herzog na memória coletiva, aquela que é, segundo Halbwachs (1990), essencialmente social, construída coletivamente a partir da articulação entre grupos.

É nessa perspectiva que relacionamos às definições de ‘acontecimento’ segundo aspectos levantados por Vera França (2012, p.112). A autora realça que o acontecimento “não é independente, nem autoexplicativo” e tem o poder de “afetar um sujeito – uma pessoa ou uma coletividade”. Para França, o acontecimento interrompe uma rotina: “é portador de uma diferença e de uma ruptura. Ele rompe o esperado, a normalidade; quebra uma sequência e, num primeiro momento, desorganiza o nosso presente”. O acontecimento também gera uma interrogação e, em decorrência, “suscita sentidos, faz pensar, incita à busca de respostas e alternativas” (2012, p. 13).

Henn (2012, p. 112) segue a mesma linha e destaca alguns pontos teóricos para a compreensão do acontecimento como uma singularidade que “inaugura todo um processo de sentido”, levantando a ideia de que “o irromper do acontecimento produz a ruptura de uma continuidade”. Nessa conjuntura, o assassinato de Vladimir Herzog atravessa, ao longo dessas quatro décadas, múltiplos significados a partir dos contextos sociopolíticos e das possibilidades midiáticas de cada época. Henn reforça que, “quanto maior a força surpreendente ou desestabilizadora do acontecimento, mais informação ele porta. E é nesse registro que o acontecimento jornalístico, traduzido em informação jornalística, encontra sua principal figuração” (2012, p. 113).

Mesmo tomando uma definição simplista – especificamente sua relação com a mídia – ‘do acontecimento como fato a ser noticiado’, é possível perceber algumas contradições no caso Herzog. A tortura e o assassinato de um jorna-



lista (que tinha um importante cargo hierárquico quando morreu) configura-se como notícia. O assassinato realizado por agentes das forças de repressão de um governo central, ou seja, figuras institucionalizadas do poder público de um Estado, parece ainda mais plausível que se trate de um acontecimento noticiável. Contraditoriamente, eram essas forças oficiais, integrantes de uma ditadura civil-militar, que tentavam impedir que acontecimentos similares fossem noticiados.

Ainda sobre o acontecimento, França (2012, p. 12) lembra que alguns autores creditam a “transformação do fato em narrativa a uma ocorrência específica, narrada e transformada em informação jornalística, que foi alçada à condição de acontecimento – virou notícia, passou a existir”.

Porém, fazemos aqui um contraponto que pode ser identificado no universo de torturas e mortes ocorridas no cenário do regime militar no Brasil. Pensemos nas centenas de pessoas<sup>4</sup> cujas prisões, torturas e mortes pelas forças de repressão da ditadura não foram noticiadas. Mesmo que essas mortes tenham sido denunciadas por entidades, organizações e movimentos nacionais ou internacionais, muitas delas não passaram por nenhum tipo de narrativa jornalística, menos ainda em veículos de grande circulação. São exemplos de fatos que não receberam qualquer tratamento jornalístico. Daí podemos apreender uma série de seleções pela imprensa que geraram camadas de apagamentos.

Em contextos políticos posteriores, outros fatos puderam ocupar espaços midiáticos mais favoráveis, em novas narrativas naquilo que Pollak (1989, p. 5) chamou de “redistribuição das cartas políticas e ideológicas”. Um exemplo foi a intensa cobertura midiática do período de vigência dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade<sup>5</sup>, de 2012 a 2014.

4 Segundo o relatório final da CNV, divulgado em dezembro de 2014, foram 434 mortos e desaparecidos políticos, vítimas da ditadura civil-militar no país. Fonte: <<http://www.cnv.gov.br/institucional-acesso-informacao/verdade-e-reconcilia%C3%A7%C3%A3o.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

5 Informações completas sobre os trabalhos e documentos produzi-

Já o acontecimento da morte de Herzog, por ter envolvido fatores de hierarquização profissional e atores sociais de maior expressão, irrompeu um processo de maior visibilidade por parte da imprensa (mesmo que a duras penas), o que ampliou o horizonte do acontecimento. Para Marialva Barbosa, “a mídia também marca os contornos do acontecimento, promovendo a sua separação dos elementos da vida cotidiana. É mediante a narrativa que ocorre, portanto, a definição oficial do acontecimento” (BARBOSA, 2004, p. 75).

Nesse sentido, a morte de Herzog – e seus desdobramentos –, foi, ao longo de toda a ditadura, um dos fatos capazes de jogar luz sobre outros acontecimentos semelhantes (prisões, torturas, mortes, violações aos direitos humanos, etc.) simplesmente por ter sido noticiado. Sem avançarmos em reflexões sobre relações de poder, sobre corporativismos da imprensa ou sobre critérios de noticiabilidade (sempre sujeitos a contextos específicos), o acontecimento da morte de Herzog parece representar uma ruptura, na qual o jornalista tornou-se, ele mesmo, a própria notícia, passando por “intensa mediatização do seu assassinato e da sua biografia” (DIAS; ROXO, 2016, p. 404), ou, como afirma o jornalista Mário Magalhães, “de contador da história, passou a personagem histórico”<sup>6</sup>.

Aos aspectos do acontecimento abordados por Vera França, e mencionados anteriormente, podemos atrelar as diversas etapas que compõem a complexidade da morte de Herzog. Do fator da morte como ruptura e desorganizador do presente; o fator de buscas, investigações e pesquisas; o fator de redistribuição de forças aos acontecimentos até então relegados à clandestinidade; o fator para se pensar e planejar o futuro, na tentativa de “modificar o passado; desvelar o não visto, iluminar o opaco, estabelecer distinções que não haviam sido percebidas”

dos pela CNV estão disponíveis em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

6 Disponível em <<https://theintercept.com/2018/07/18/stf-vladimir-herzog>>. Acesso em 19 de julho de 2018.

(FRANÇA, 2012, p. 13). Esses e muitos outros aspectos estão presentes no caso Herzog, em diversas narrativas midiáticas, e também na atuação do Instituto (IVH) em ações que produzem incessantes articulações entre passado, presente e futuro.

Em nossa pesquisa<sup>7</sup>, revisitamos alguns exemplos de narrativas sobre a morte de Vlado na imprensa tradicional – nos concentramos nos veículos impressos, ao longo de um período de quase 40 anos. Muito antes da fundação do Instituto, Herzog já se fazia presente em constantes aparições na mídia. Sua morte foi amplamente repercutida ao longo dessas décadas, gerando novas investigações, reaberturas, propostas, reparações, polêmicas, entre outros ingredientes. Ao longo dos anos, o que mudou foram as muitas possibilidades a partir de contextos<sup>8</sup>, de menor ou de maior abertura política, e a partir dos acordos, consentimentos, aproximações e rompimentos entre diferentes tipos de veículos (grande imprensa, jornais alternativos, jornais clandestinos, jornais de sindicatos etc.) e governos estabelecidos.

Dessa forma, reiteramos, a partir de Henn (2012, p. 118), que a morte de Herzog teve – e continua tendo – enorme importância no bojo da íntima relação entre acontecimento e jornalismo. “Seja como resultado de tragédias, de crimes aterradores ou envolvendo personalidade pública, a morte sempre encontra espaço nas coberturas jornalísticas e ganha, via de regra, muito destaque”. O assassinato de Vlado ilustra a ideia do autor de que “há diversas ênfases no noticiário de morte que vai do impacto, às suas consequências e a uma exumação pública excessiva” (HENN, 2012, p. 118).

### 3. Novas conexões

Anos depois do acontecimento fundador, mais precisamente a partir dos anos 2000, novas formas de sociabilidade e de produção e circulação

de informações foram constituídas a partir das redes sociais na Internet (HENN, 2012). É sob essa perspectiva que o Instituto Vladimir Herzog utiliza seus espaços digitais de comunicação não apenas para fazer referências ao passado do jornalista morto, mas para promover novos sentidos e narrativas para a permanência de Herzog. Segundo Henn, são dinâmicas do acontecimento que “passam agora por transformações profundas em termos de constituição por conta da proliferação intensa da comunicação em rede” (2012, p. 114). Vemos o supracitado ato inter-religioso de 2015 e sua ampla divulgação nas redes sociais, pelo Instituto, como um exemplo do que o autor classifica como “acontecimento cujas lógica, dinâmica e natureza já são intensamente constituídas pelas plataformas e ferramentas digitais” (2012, p. 115).

Tudo isso ocorre dentro de uma dinâmica comemorativa, ligada às datas especiais, às efemérides, servindo para construir, organizar e promover ‘memórias midiáticas’. Sobre a morte de Herzog como acontecimento, Dias (2015, p. 5) assinala que as comemorações em períodos específicos ‘sacralizam o evento’, o que “nos faz pensar como todo acontecimento pautado pelas mídias está condicionado, para sua reafirmação à cena pública, aos agendamentos de lembranças e esquecimentos que respondem a políticas de memória bem específicas em seu presente”. Tais comemorações – como o ato ecumênico de 2015 – podem exemplificar os chamados acontecimentos “replicantes” descritos por Babo-Lança (*apud* França, 2012, p. 19), que, “retomados em diferentes contextos, se transformam em outros, atuando em diferentes quadros de sentido”.

Berger (2006) atesta que “as comemorações, inaugurações, exposições valorizam o testemunho e não existem sem imagens. Fotos, CDs, filmes, documentários contribuem para a existência da cultura de memória”. Nesse cenário, o IVH reforça essa ‘memória midiática’ ao solicitar que

7 Aqui nos referimos à pesquisa “Vlado (no) presente: atualizações narrativas e estratégias de memória sobre Vladimir Herzog”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano/PPGMC-UFF.

8 Até 1979, ano da promulgação da Lei da Anistia Política.

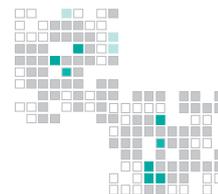
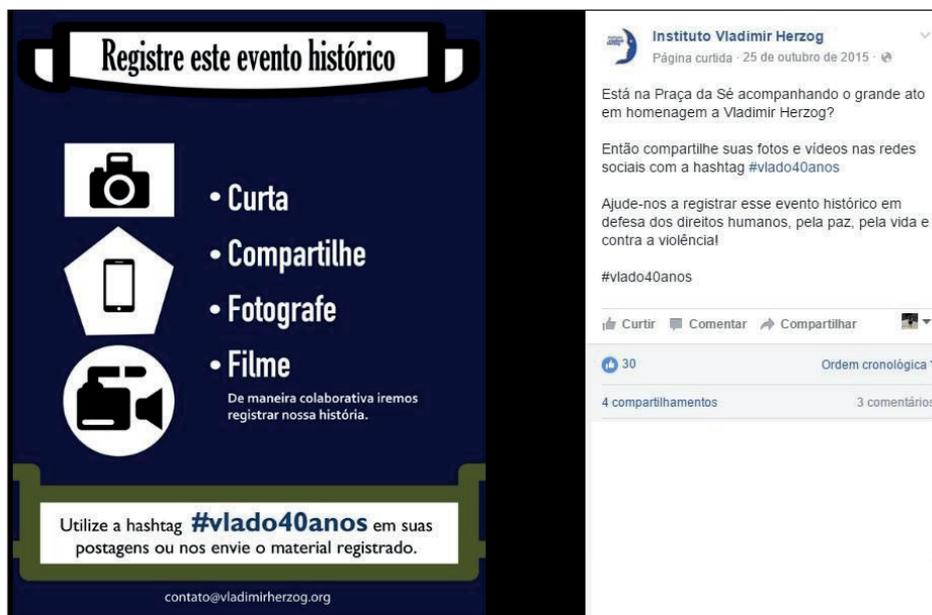


Figura 1: Postagem do IVH no Facebook, em outubro de 2015, solicitando aos usuários o compartilhamento de registros da homenagem a Herzog por meio da hashtag #vlado40anos



Fonte: Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/institutovladimirherzog/photos/a.288657247866210.65755.226894137375855/944217168976878/?type=3&theater>>. Acesso em: 12 de agosto de 2016.

as “testemunhas” não apenas presenciem, mas também registrem o ato ecumênico. Tais registros incorporam, também, uma lógica de compartilhamento, como podemos verificar na imagem acima:

Retomando a campanha #vlado40anos, o que analisamos durante nossas investigações sobre as atividades do Instituto Vladimir Herzog é que essa lógica de compartilhamento foi muito utilizada como estratégia de comunicação, possibilitando um alargamento da circulação de produções de memória sobre Vlado, a partir do marco comemorativo de seu aniversário de morte. As ideias de celebração e de participação espontânea levaram o IVH a estimular o movimento colaborativo nas trocas de imagens e vídeos da missa ecumênica a partir de uma série de registros audiovisuais e fotográficos dos participantes na Catedral da Sé.

Não há aqui, porém, oposição entre a produção jornalística e a das redes sociais. O acontecimento e as abordagens sobre a morte não está só nos jornais ou só nas redes. No caso da celebração do ato ecumênico, a mesma cobertura (incluindo registros,

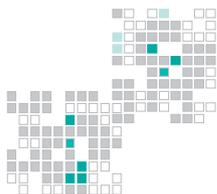
vídeos e depoimentos) que circulou no Facebook, no Instagram e no Twitter também teve espaço na imprensa tradicional, como é possível verificar nas figuras a seguir, retiradas do acervo de O Globo, do portal G1, do site da Agência Brasil, além de um *print* da tela inicial do Programa Miriam Leitão - do canal por assinatura GloboNews -, que exibiu em 30 de outubro de 2015 o especial *Vlado - 40 anos depois*.

“Em convergência com o jornalismo, essa movimentação pelas redes sociais tem, entre outras, a potencialidade de gerar acontecimentos dessa estatura em outra configuração de narrativas” (HENN, 2012, p. 120).

### A morte como cerimônia midiática

Em outra análise mais particular, tomamos o especial “Vlado Herzog, 40 anos: a ditadura condenada” (figura 4), da GloboNews, à investigação de Marialva Barbosa (2004) sobre como a cobertura televisiva – especialmente a edição do Jornal Nacional de 21 de abril de 1985 – construiu uma cerimônia midiática em torno do acontecimento da morte de Tancredo Neves. Vlado, assim como o político mineiro, foi personagem emblemático do período da ditadura civil-militar. Sua morte, porém, uma década antes da de Tancredo e em circunstâncias políticas muito diferentes, não recebeu o mesmo tratamento jornalístico. A missa ecumênica na Praça da Sé, em 1975, tinha um ar de iminente perigo diante das forças militares e não recebeu cobertura televisiva em âmbito nacional, dado o aparato repressor da censura da época.

Quatro décadas mais tarde, ainda que a esfera política fosse bastante diferente – apesar de uma inegável marcha conservadora que já se apruma-



va no Brasil em 2015 –, o evento recebeu coberturas midiáticas tradicionais (como vimos acima) às quais se somaram diversas novas possibilidades narrativas nos sites de redes sociais. Desta forma, é possível extrair semelhanças nos tons de cerimônia e celebração em torno dos eventos que marcaram a morte dos personagens. “O morto cerimonial é expiado em atos celebratórios e dramáticos” (BARBOSA, 2004, p. 65). Ao assistir ao programa de Miriam Leitão – ela própria uma torturada nos porões militares e muito próxima da família Herzog, já tendo sido conselheira do IVH –, percebemos o tom de dramaticidade e seriedade narrativa, com destaque para os cantos entoados pelo público presente e para o sino da Catedral da Sé, subtextos que marcam o período sombrio da ditadura. Quando Leitão afirma que “o culto ecumênico em homenagem a Vladimir Herzog foi o marco zero da redemocratização do Brasil”, ela inscreve a narrativa da temática de seu programa naquilo que Barbosa classifica:

*Como um ritual, as cerimônias de televisão [...] celebram a sua inserção em uma história institucional e social, como momento fundador, em que há uma ruptura com o tempo anterior e a inclusão/eclosão de um novo tempo. Caracterizam-se pela fundação de um instante singular, indicando o início de um novo tempo (2004, p. 68).*

Como fez o Jornal Nacional com Tancredo, a transmissão de

Figura 2: matérias de O Globo (26/10/2015) e G1 (25/10/2015) sobre ato pelos 40 anos de morte de Vlado

## SP: ato lembra 40 anos da morte de Herzog

Homenagem ecumênica reuniu líderes de oito religiões e ex-presos políticos na Catedral da Sé

Um ato ecumênico na Catedral da Sé, no Centro de São Paulo, lembrou os 40 anos do assassinato do jornalista Vladimir Herzog por agentes da repressão na ditadura militar. No mesmo local, uma semana após a morte do jornalista, oito mil pessoas se reuniram para protestar contra o regime e denunciar o assassinato de Herzog. Em a primeira grande manifestação popular contra a ditadura. O ato na tarde de ontem, que reuniu líderes de oito religiões e ex-presos políticos, foi seguido de missa. Centenas de pessoas entraram às 14h30m na Catedral da Sé, horário em que teria ocorrido o assassinato de Herzog. Sem antecedentes criminais e funcionário público na época, Vlado, como era chamado por amigos, era um dos diretores da TV Cultura. Ele foi acusado de militar no Partido Comunista Brasileiro (PCB), que na época estava na clandestinidade. Após ser procurado duas vezes por agentes da repressão, uma em sua casa e a outra na emissora, Herzog apresentou-se voluntariamente no antigo DOI-Codi, pensando que seria liberado após prestar depoimento. Mas acabou sendo assassinado.



25/10/2015 18h08 - Atualizado em 26/10/2015 15h50

## Ato na Catedral da Sé lembra 40 anos da morte do jornalista Vladimir Herzog

Jornalista foi assassinado pelo regime militar em cela do DOI-Codi em 1975. 'Não houve punição aos torturadores', reclama viúva Clarice Herzog.

Do G1 São Paulo



Ato ecumênico na Catedral da Sé lembrou os 40 anos da morte de Vladimir Herzog (Foto: Tiago Queiroz/Estadão Conteúdo)

Fontes: Acervo O Globo e portal G1. Disponíveis em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020151026>> e <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/10/ato-na-catedral-da-se-lembra-40-anos-da-morte-do-jornalista-vladimir-herzog.html>>. Acessos em: 2 out. 2018.

Figura 3: matéria da Agência Brasil, de 25/10/2015, sobre ato pelos 40 anos de morte de Vlado

**Agência Brasil** ★ Especiais 📷 Fotos Últimas Notícias

Eleições Direitos Humanos Economia Educação Geral Internacional Justiça Política Saúde

*Direitos Humanos*

## Ato na Catedral da Sé homenageia Vladimir Herzog, morto na ditadura militar

Publicado em 25/10/2015 - 19:29 Por Camila Bochum - Repórter da Agência Brasil 📍 São Paulo

A Catedral da Sé, em São Paulo, recebeu hoje (25) um ato inter-religioso em homenagem ao jornalista Vladimir Herzog, torturado e assassinado nas dependências do Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), há exatos 40 anos. O evento lembra a celebração em memória do jornalista, ocorrida seis dias após sua morte, conduzida pelo cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, pelo rabino Henry Sobel e pelo pastor James Wright, que reuniu oito mil pessoas na mesma Catedral, para protestar contra a barbárie cometida pela ditadura militar, em vigor no país desde 1964.

Fonte: Agência Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-10/ato-na-catedral-da-se-homenageia-vladimir-herzog-morto-na-ditadura>>. Acesso em: 2 out. 2018.

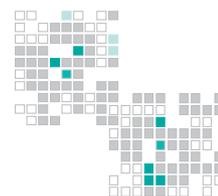


Figura 4: Trecho de abertura de “Vlado – 40 anos depois”, especial do Programa Miriam Leitão, do canal GloboNews, exibido em 30 de outubro de 2015



Fonte: G1 - GloboNews. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/oficio-em-cena/videos/t/outras-programas/v/miriam-leitao-morte-de-vladimir-herzog-faz-40-anos-praca-da-se-tem-novo-culto-ecumenico/4574604>>. Acesso em: 8 set. 2015.

um programa especial sobre os 40 anos da morte de Vlado consegue mesclar “aspectos do presente com a construção memorialística” do personagem, seguindo o propósito de “construção de uma memória para o futuro” (BARBOSA, 2004, p. 69). Na relação entre censura e integrantes dos veículos da época, Barbosa reforça os silêncios e lembranças que envolveram e (ainda) envolvem imprensa e o golpe de 1964. “A memória construída sobre como se operacionalizava a repressão aos meios de comunicação é um trabalho de múltiplas significações, não apenas referentes ao passado, mas, sobretudo, ao presente, com vistas ao futuro” (BARBOSA, 2014, p. 17).

Tudo isso é ainda mais forte nesse exemplo de programa televisivo, em que uma jornalista, também contemporânea de Herzog nos horrores de uma época, é a responsável por construir uma narrativa em que ela mesma possa ser vista como parte de um conjunto – os jornalistas – de resistência e de simbolismo praticamente heroico. Barbosa aborda essas possibilidades quando diz que, “ao lembrar fatias do passado, os jornalistas atuantes naquele momento constroem significações nas quais procuram se constituir como grupo coeso” (BARBOSA, 2014, p. 13). Essa su-

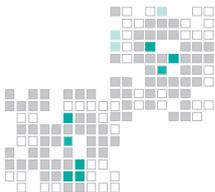
posta coesão, construída ao longo dos anos por parte dos jornalistas que compuseram e ainda compõem a chamada grande imprensa, é questionada, como ressalta Ribeiro, em sua análise sobre o jornalismo impresso das décadas de 1960-1970.

*Nas redações, nem todos pensavam da mesma maneira, Havia muitas discussões, discordâncias, e isso de alguma maneira se refletia no produto impresso, que jamais foi homogêneo e monolítico. Um mesmo periódico poderia publicar textos com posições divergentes. Além disso, sempre havia pontos de fuga. Não é possível imaginar que o Estado consiga o controle absoluto de um veículo de comunicação (2014, p. 175).*

## 5. Considerações finais

Na cobertura da morte nesses muitos espaços midiáticos, sejam eles tradicionais (impressos, audiovisuais) ou nas narrativas das redes sociais da internet, especialmente canceladas por um instituto que organiza e seleciona memórias relacionadas a Vladimir Herzog, o que vemos é a construção de “um personagem a ser imortalizado para a história” (BARBOSA, 2004, p. 75).

Barbosa reforça que as cerimônias midiáticas da morte “representam o acontecimento e oferecem ao público a possibilidade de participar daquela ‘experiência festiva’” (2004, p. 76). É o que percebemos tanto no programa de TV de Miriam Leitão, ao mostrar a coesão do público durante o ato ecumênico de 2015 (os cantos, o espaço lotado, a intensa participação, o discurso que reforça a importância da democracia e da resistência à ditadura etc.), como nas diversas celebrações promovidas e divulgadas pelo IVH nas redes sociais digitais. São narrativas que (re)constituem personagens como “ícones da memória coletiva” e que trazem um “discurso reflexivo



e nostálgico que se desenvolve a partir da ideia de que participar daquela cerimônia torna os telespectadores um mesmo conjunto” (BARBOSA, 2004, p. 78).

Na análise geral sobre a morte e os gestos comemorativos narrados nas mídias, ou seja, construídos em ‘memórias midiáticas’, percebemos que a morte é tomada como acontecimento, como representação de uma ruptura que constrói novas produções de sentido, seja nas notícias da imprensa tradicional ou nos sites das redes sociais. No caso de personagens públicos ou emblemáticos, essa característica torna-se ainda mais evidente, na medida em que levanta investigações e questionamentos, rompendo as sequências de fatos considerados como ‘fechados’ no cotidiano.

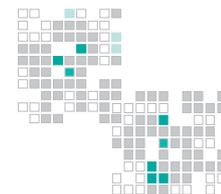
Foi o que vimos com a morte do jornalista Vladimir Herzog, em 1975 nos porões da ditadura. Mesmo depois de tanto tempo, sua morte ainda desencadeia uma série de atos, manifestações, discursos e celebrações que levam a projetos de memória e de permanência em diversos espaços midiáticos. Ao concordarmos com a afirmação de que “a forma narrativa determina a própria significação política do acontecimento” (BARBOSA, 2004, p. 76), aferimos que a morte de Vlado é um

exemplo de acontecimento cujas replicações (as celebrações e efemérides) produzem constantes atualizações sobre sua figura, assumindo, assim, uma dimensão política e reafirmando, simbolicamente, a herança de uma história. Nessa perspectiva, percebemos também que as redes sociais digitais podem assumir a função de guardiãs das comemorações e de (re) organizadoras de memória nesse novo tempo presente. Essas ambiências digitais se tornam não só produtoras, mas também renovadoras de memórias. Desde 2009, por exemplo, o Instituto Vladimir Herzog atua fortemente nesses espaços das redes produzindo uma série de trabalhos de memória sobre o jornalista que não apenas celebram sua vida, mas que também fortalecem sua continuidade nos debates públicos do país.

São as ligações entre mídias, acontecimento e marcos comemorativos que desempenham, assim, papel crucial para as imbricações entre passado, presente e futuro. Nesse contexto, a morte, como afirma Rezende (2011, p. 221), “não escapa à formatação midiática de sua *performance*: é necessário eternizar esse corpo, mesmo morto, e ativar relações comunicativas a seu redor a fim de conservar a presença do falecido”.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva. Imprensa e golpe de 1964: entre o silêncio e rememorações de fatias do passado. *Estudos em Jornalismo e Mídia*. Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 7-20, jan./jun 2014.
- \_\_\_\_\_. O dia em que o Brasil parou: a morte de Tancredo Neves como cerimônia midiática. *Comunicação & Informação*, v. 7, n. 1, p. 63-79, jan./jun. 2004.
- BERGER, Christa. Memória enquadrada: 30 anos se passaram e Vlado segue morrendo. In: *IV Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo*. SBPJOR. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo, Ática, 1975.
- BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Relatório da Comissão Nacional da Verdade*; v. 1. Brasília: CNV, 2014.
- BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Relatório da Comissão Nacional da Verdade*; v. 2. Brasília: CNV, 2014.
- BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. *Relatório da Comissão Nacional da Verdade*; v. 3. Brasília: CNV, 2014.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano 1: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DIAS, André Bonsanto. Herzog re(a)presentado: notas sobre memória, narrativa e ‘acontecência’. In: 24º Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS), 2015, Brasília-DF. *Anais do 24º Encontro Anual da Associação dos*



- Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS)*, 2015. \_\_\_\_\_; ROXO, Marco. De jornalista a ícone da democracia: os 40 anos da morte de Vladimir Herzog, entre a memória e a história. In: Denize Correa Araujo; Eduardo Victorio Morettin; Vitor Reia-Baptista. (Org.). *Ditaduras Revisitadas: Cartografias, Memórias e Representações Audiovisuais*. UEDed.Faro: CIAC/Universidade do Algarve, 2016, v. 01, p. 403-428.
- FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. *Galáxia*. São Paulo, n. 24, p. 10-21, dez. 2012.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HENN, Ronaldo. Os mortos vivem no twitter: outras camadas da morte como acontecimento. In: MAROCCO, Beatriz; BERGER, Christa; HENN, Ronaldo (Orgs.). *Jornalismo e acontecimento: diante da morte*. Florianópolis: Insular, v. 3, 2012.
- MAIA, Marta Regina; LELO, Thales Vilela. A morte de Vladimir Herzog: narrativas do trauma na memória coletiva. *Estudos em Jornalismo e Mídia* (UFSC), v. 11, p. 21-33, 2014.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-25, 1989.
- RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- REZENDE, Renata. *Redes de memória e de comemoração: reflexões sobre o "contato herdeiro" do Facebook*. *Revista M.*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 359-378, jul-dez, 2016.
- REZENDE, Renata. *A morte midiaticizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida*. Niterói, EDUFF, 2015.
- REZENDE, Renata. Entre o instante e a duração: os usos da memória na construção da morte contemporânea. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BARBOSA, Marialva Carlos (Orgs.). *Comunicação e história – partilhas teóricas*. Florianópolis, Insular, 2011.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Os anos 1960-70 e a reconfiguração do jornalismo brasileiro. In: Igor Sacramento; Letícia Cantarella Mathews. (Org.). *História da Comunicação*. 1ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2014, v. 1, p. 163-195.
- VIEIRA, Marcella Maria Monteiro. *Vlado (no) presente: atualizações narrativas e estratégias de memória sobre Vladimir Herzog*. [Dissertação de mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Universidade Federal Fluminense, 2018.
- VLADO – 40 ANOS DEPOIS. *Programa Miriam Leitão*. Rio de Janeiro: GloboNews, 30 de outubro de 2015. Programa de TV.

